

Diferentes modos de existencia en posgrado: prácticas de cuidado entre salud y educación

*Different modes of existence in graduate studies:
care practice between health and education*

Thainan Piuco¹

Roberta de Pinho Silveira²

Cristian Poletti Mossi³

Cristianne Maria Famer Rocha⁴

Recepción: 21 de julio del 2021

Evaluación: 19 de agosto del 2021

Aceptación: 26 de agosto del 2021

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRGS), licenciado em Ciências Sociais (UFRGS).

Correo electrónico: piucothainan@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (UFRGS), Mestra em Saúde Coletiva (UFRGS), Bacharel em Fisioterapia (IPA).

Correo electrónico: betadepinho@gmail.com

³ Doutor no Programa de Pós-graduação em Educação (UFSM), Mestre no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (UFSM), Bacharel e Licenciado em Desenho e Plástica (UFSM).

Correo electrónico: cristianmossi@gmail.com

⁴ Doutora e Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRGS), Bacharel em Comunicação Social (PUCRS).

Correo electrónico: rcristianne@gmail.com

Resumen

El artículo presenta diferentes formas (o posibilidades) de producir investigación en el ámbito de la salud y la educación, a partir de autores de la filosofía francesa contemporánea, en particular Michel Foucault, Gilles Deleuze y Étienne Souriau. Nuestra intención al dar cuenta de las experiencias de investigación vividas (y en proceso), fue señalar la multiplicidad y la potencia de las nuevas prácticas de cuidado tanto en el ámbito de la salud como en la educación, así como los nuevos modos de existencia, guiados por continuos *assujeitamentos* y *desassujeitamentos*. La investigación que aquí se presenta es desarrollada en dos programas de postgrado de una universidad pública brasileña, y pretende hacer pensar y lanzar algunas propuestas posibles, trazando líneas que puedan, de alguna manera, cruzar las dos investigaciones en lo que llamaremos de economía del cuidado. Las preguntas planteadas en este trabajo buscan, finalmente, inspirar para que otras producciones sean posibles en las intersecciones –no triviales– entre diferentes áreas del conocimiento.

Palabras clave: prácticas asistenciales, modos de existencia, salud, educación.

Abstract

The article presents different ways (or possibilities) of producing research in the field of health and education, based on authors from the field of contemporary French philosophy, in particular Michel Foucault, Gilles Deleuze and Étienne Souriau. Our intention, when reporting the research experiences (and in process), was to point to multiplicity as a potency for new care practices, either in health or education (the focus of this text), as well as new ways of existence, guided by continuous *assujeitamentos* and *desassujeitamentos*. The research presented here is being developed in the scope of two graduate programs at a public Brazilian university and seeks to resonate to (make us) think and launch some possible propositions by tracing lines that, in some way, may cross the two investigations in what we will call the economy of care. The questions presented here seek, finally, to instigate other possible productions at the intersections –not trivial– between different areas of knowledge.

Keywords: caring practices, modes of existence, health, education.

Introdução

Nada existe por si só, tudo precisa ser completado. Nada nos é dado, nem nós mesmos, senão sob uma espécie de meia-luz, uma penumbra na qual apenas a incompletude pode ser compreendida, onde nada possui presença plena ou realização total (Souriau, 2020, p. 220).

Somos permanentemente inacabados, em construção, plurais ou, ainda, uma obra de arte em processo, trabalhada dia a dia, através de diferentes estratégias de produção, criação, sujeição/assujeitamento e dessubjetivação. Pensar-nos não como unidades acabadas, mas como existências em devir, compostas por multiplicidades nem sempre convergentes é, talvez, uma das proposições que aproxima Étienne Souriau, Michel Foucault e Gilles Deleuze, escolhidos para nos acompanhar como intercessores nesta escrita.

Suas indagações e produções ocorreram em períodos relativamente próximos (Souriau de 1920 a 1970, Foucault e Deleuze de 1950 a 1990) e em um mesmo contexto geográfico-filosófico (na França). Por diversas vias os três autores discutem –fazendo o uso de criações conceituais singulares– *diferentes modos de existência*, de tal forma a nos colocar a pensar, especificamente aqui, sobre nossas próprias experiências na pós-graduação, *nos* e *entre* os campos da educação e da saúde.

Neste texto, portanto, apresentaremos experiências de pesquisa e orientação na pós-graduação que, entendemos, além de serem nichos de produção de saberes –aqui estamos falando especificamente das áreas da saúde e da educação, onde nos inserimos academicamente–, também são espaços-tempos onde indivíduos trabalham sobre si, vivenciando experiências que os subjetivam/assujeitam/dessubjetivam. Nesses espaços, afirmam(os) diferentes modos de existência –os seus e os dos elementos que fazem viver através de suas pesquisas. Pretendemos, assim, olhar para esses processos em multiplicidade como práticas de criação e cuidado de si– quer dizer – experimentações que produzem não somente uma ética, mas uma ética-estética-política por onde se inserem e circulam, uma vez que o cuidado de si se dá em relação, nunca em separação. Trata-se, conforme Deleuze, ao comentar a obra de Foucault, de uma:

(...) relação consigo que nos permita resistir, furtar-nos, fazer a vida ou a morte voltarem-se contra o poder (...) Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de regras

facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida (Deleuze, 1992, p. 123).

O cuidado de si é trabalho árduo: exige experimentação prolongada no espaço-tempo, não apenas pontual, e, para que isso aconteça, é preciso a produção de uma ética, uma forma de viver para conduzir, sobretudo, a si próprio, mas também a outrem (outros alguéns), uma vez que, nessa perspectiva, só nos constituímos em relação, contágio, contaminação. David Lapoujade, ao remeter-se à “filosofia dos gestos” de Souriau, pergunta-se quais gestos são possíveis para instaurar, quer dizer, fazer existir, um modo de vida. Afinal, “experimentar é tentar responder da melhor maneira possível a perguntas constantemente não formuladas” (Lapoujade, 2017, p. 78).

Essa escrita se ensaia em torno das questões até aqui propostas, ao passo que também formula novas indagações ao encontrar-se imersa em duas experiências localizadas em diferentes lugares de atuação e investigação. Segundo Foucault “(...) a experiência (...) tem por função arrancar o sujeito de si próprio, [de] fazer com que não seja mais ele próprio [e] seja levado a seu aniquilamento ou à sua dissolução. É uma empreitada de dessubjetivação” (2010, p. 291).

Destarte, nos parece importante afirmar que os quatro pares de mãos que aqui escrevem possuem formações acadêmicas muito distintas umas das outras, e, diferentemente de certa perspectiva que poderia considerar tal pluralidade como a falta de uma unidade coerente, propomos tal composição como singularidade que evidencia uma força motriz de criação e experimentação *com* e *entre* os campos onde atuamos, enquanto docentes e pesquisadores. Apostamos, assim, na potência da fragmentação a qual, ao contrário de querer encontrar uma unidade perdida, se engaja em mais e mais conexões a *n* dimensões (Deleuze e Guattari, 1995).

Nesse sentido, novamente com Foucault, compreendemos que “a experiência é tentar chegar a um certo ponto da vida que seja o mais perto possível do não possível de ser vivido. O que é requerido é o máximo de intensidade, e, ao mesmo tempo, de impossibilidade (...)” (2010, p. 291).

Com tal aposta em mente, a seguir apresentaremos dois relatos de investigações realizadas no âmbito da pós-graduação: uma na área da saúde

e outra na área da educação. Após explicar brevemente sobre as temáticas e problemáticas centrais de ambas, nos deteremos nos modos de existência que cada uma coloca em jogo em nossos contextos de pós-graduação e, assim, que práticas de cuidado cada uma implica para, finalmente, lançarmos algumas proposições possíveis através do traçado de linhas que, de algum modo, podem atravessar as duas investigações naquilo que chamaremos de economia do cuidado.

Experimentações em saúde

Os modos como uma sociedade orienta a atenção à saúde e suas maneiras de promover os cuidados possibilitam maior ou menor intensidade para determinados modos de existência. As práticas de cuidado em saúde –aquelas que nos são acessíveis– nos oferecem modos de pensar e conduzir o corpo nos processos de saúde e doença, além de estabelecer regimes de verdade acerca das mais diversas dimensões da vida, modos pelos quais se fabricam subjetividades.

Os discursos sanitários produzidos em nossa sociedade nos orientam com suas verdades científicas, cuja legitimidade se estabelece por meio de estratégias biopolíticas que, para Foucault (2000; 2008), são aquelas estratégias que se ocupam da população (e não apenas dos indivíduos em particular) e visam racionalizar os problemas coletivos e garantir a máxima utilidade dessa população para a produção de bens e riquezas e outros indivíduos. Tais estratégias que buscam, por um lado, produzir subjetividades e condutas e, por outro, silenciar outros modos de existir que não se dão através dos discursos e práticas convergentes à razão científica moderna e, mais precisamente, em nossa atualidade, à razão neoliberal.

Nesse contexto, as pesquisas que produzimos junto ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem e no Grupo de Estudos em Promoção da Saúde (GEPS), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), buscam problematizar os discursos e as práticas que constituem as realidades acerca dos corpos, da saúde e dos modos de levar a vida. Tratam-se de pesquisas situadas no referencial teórico e metodológico proposto por filósofos como Michel Foucault e Gilles Deleuze, mas, também, nos Estudos Feministas, como os de Margareth Rago e Silvia Federici e, ainda, com autores decoloniais como Achille Mbembe. Tais autores nos oferecem conceitos-ferramentas, com os quais podemos ensaiar o pensamento, a escrita e a

vida (Larrosa, 2004), num exercício crítico capaz de fazer ver a história dos discursos e das práticas, seus efeitos, as disputas que os delimitam, os jogos de verdade que tecem a composição das realidades e suas materialidades, entre outras ações possíveis. Nesse sentido, possibilitam maior ou menor intensidade para a instauração dos modos de existência não convergentes às formas hegemônicas, disciplinadas e normalizadas com vistas à produção de uma homogeneização inimiga da diversidade e que não reconhece os outros/as (os diferentes em relação a qualquer aspecto da vida) como possíveis e desejáveis.

Ao procurar olhar as possíveis existências que já compõem este mundo, bem como as que estão por vir, nos interessa saber as maneiras pelas quais se dão determinadas práticas, como se constituem e que efeitos provocam. Assim, não buscamos a verdade definitiva das existências, como se isso fosse possível, mas o exercício do pensamento crítico, seguindo Foucault (2005, p. 302), “por lampejos imaginativos”. Buscamos instaurar, assim, outros modos de existência. Portanto, a noção de crítica em Foucault está relacionada às práticas que fazem viver, que dão visibilidade a acontecimentos e saberes silenciados, acolhe e comemora outras experimentações, discursos e modos de existência, não aderindo a julgamentos em nome de uma verdade única (Rago, 2015).

Ainda, conforme Rago, o exercício da crítica nos mostra as configurações que conformam e contornam o objeto, as práticas que o constituem, desconstruem os discursos lineares, pois “(...) é preciso deslegitimar o presente, desfazendo o fio da continuidade histórica, que sustentam as noções de identidade e de natureza humana. É preciso reler o passado e construir novas narrativas históricas” (p. 257). A noção de crítica e pensamento filosófico em Foucault está intimamente relacionada à história, procurando aí conhecer o passado, olhando com atenção para as coisas que parecem não ter importância e que foram sistematicamente invisibilizadas (ou esquecidas).

Entre os discursos e as práticas que muito frequentemente atravessam nossos objetos de pesquisa figuram aqueles acerca do autocuidado, que marcam fortemente as políticas de Promoção da Saúde no Brasil, mas também no mundo, conforme podemos perceber ao analisar os documentos de instituições como a Organização Mundial da Saúde (Silveira, 2018). Com a

pandemia de Covid-19, os efeitos do autocuidado, como regime de verdade sanitário, podem ser percebidos com maior intensidade, seja pela exposição de algumas vidas aos riscos da doença –como o das enfermeiras na linha de frente da situação emergencial–, seja no não aproveitamento das estruturas e estratégias de cuidado já existentes, que poderiam ser usadas na assistência e orientação da população quanto à prevenção e contaminação pelo coronavírus e à continuidade do cuidado daqueles usuários já em tratamento para outras doenças (Medina, 2020).

Nesse sentido, percebemos que o discurso sanitário do autocuidado como única alternativa ao enfrentamento da Covid-19 busca esvaziar a potência do cuidado à saúde de forma coletiva e ampliada, como se bastasse a circulação de informações para que todas as pessoas pudessem cuidar da própria saúde ou como se as determinações sociais e comerciais da saúde não fossem fatores importantes e indispensáveis na produção do cuidado à saúde.

A precarização do sistema público de saúde, em decorrência das crises e políticas de austeridade praticadas pelo capitalismo neoliberal, faz com que o cuidado à saúde dos indivíduos e coletividades seja operado numa lógica mercantilista, onde as pessoas têm suas existências tomadas enquanto um corpo, do qual deve se extrair o máximo lucro, e uma coletividade, constituída enquanto população, à qual é preciso governar, controlar e vigiar para que não sejam cometidos desvios, excessos ou, pior, manifestações coletivas que possam contrapor a lógica da produtividade máxima. Para tal empreendimento, é necessário fazer circular discursos e práticas de autocuidado em saúde, produzindo uma medicalização da vida, como um dispositivo central das estratégias biopolíticas, que operam uma patologização da vida e dos corpos, tornando impossível descrever experiências com o corpo humano que não passem, em algum sentido, pelo saber médico (Zorzaneli, 2014).

Esse excesso de intervencionismo médico, sobre os corpos e as vidas das pessoas, se relaciona, de acordo com Costa (2004), aos interesses do mercado de bens e serviços de saúde, mas, também, produzem discursos de verdade acerca de como devemos nos conduzir na vida. Assim, podemos perceber que a medicalização opera uma estratégia de saber-poder que produz subjetividades tanto entre os profissionais de saúde, quanto na população em geral. A medicina foi fundamental para a produção de uma população normalizada (Foucault, 2014), pois tal processo garantiu –e segue garantindo– o exercício

do poder pelo governo das condutas. Nesse sentido, o discurso sanitário do autocuidado cumpre com uma tarefa produtiva do poder de incitar o desejo por meio de discursos de verdade sobre como devemos nos conduzir para nos adequarmos aos modos de existências subjetivados e objetivados por uma racionalidade neoliberal.

No caso da enfermagem, embora ela seja uma profissão que nasceu como uma prática auxiliar da prática médica e, portanto, desenvolvida dentro da instituição hospitalar, segundo o saber médico que se produziu na modernidade (Kruse, 2006), é também a profissão pela qual é dada às mulheres a possibilidade de participação social performando as enfermeiras, de tal maneira que poderiam variar da performatividade de filhas, esposas, mães ou freiras. Mesmo que tal variação não escapasse da subjugação por tutelas masculinas, assim como também não escapassem das práticas disciplinares, ainda assim abria-se alguma brecha para a diferença, pois ao menos saíam, um pouco, da igreja ou do ambiente doméstico.

Em tempos anteriores, segundo Federici (2017), por volta do fim do período feudal, as mulheres ainda não haviam sido obrigadas a manterem-se nos limites domésticos da casa ou da igreja. Nessa época, as mulheres camponesas encontravam mais chances para exercer alguma autonomia em relação aos homens, pois o trabalho no campo as reunia e a possibilidade de produzir modos de existência comunais em territórios menos vigiados como florestas, prados, campos, fez com que desenvolvessem saberes importantes sobre o corpo, a alimentação, a saúde, entre outros, que garantiu que elas fossem reconhecidas como sábias e permitiu que mobilizassem revoltas camponesas. Na percepção de Federici (2017), o capitalismo foi uma contrarrevolução realizada como resposta à força insurgente das revoltas camponesas, sua organização comunal, seus saberes medicinais ou suas práticas pagãs.

Essa contrarrevolução usou a violência do poder soberano, vigente na época, contra as mulheres, que detinham saberes que davam corpo a outros modos de vida. Através da caça às bruxas, que durou por volta de três séculos, foram assassinadas milhares de mulheres na Europa e também povos originários das colônias. Nesse sentido, podemos perceber que o capitalismo, desde sua origem, utiliza estratégias de aniquilamento e morte de todos os modos de existência que coloquem sua hegemonia em risco. Quer seja por estratégias necropolíticas (Mbembe, 2017), que expõem os corpos ao suplício e os fazem

morrer, ou estratégias biopolíticas, que governam as condutas por meio de uma liberdade normalizada e um discurso pró-vida, mas que deixam morrer aqueles que não lhes convêm.

Experimentações em educação

No âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU), temos produzido pesquisas com/entre arte, educação e filosofia, áreas que se cruzam em um movimento de borramento de fronteiras pré-estabelecidas, ou até mesmo de dissolução das mesmas. As pesquisas vêm sendo realizadas no contexto do POVOAR⁵, grupo de estudos que conta com colaboradores interessados em diferentes temáticas e estudantes do PPGEDU vindos de várias áreas do conhecimento (ciências sociais, ciências biológicas, geografia, dança e artes visuais), os quais produzem suas pesquisas em reverberação às diversas ações do grupo (seminários, debates, proposições artísticas, entre outras).

Dentre as investigações do grupo, a que trataremos aqui tem dialogado diretamente com Deleuze e Guattari (1992; 1995; 2012), Foucault (2014; 2020a; 2020b) e Souriau (2020), em torno da seguinte problemática: que políticas de multiplicidade podem ser instauradas por um professor que “restografa” uma “escola incomum”? Partindo desta questão, a pesquisa problematiza exclusões e violências historicamente constituintes do espaço escolar, sobretudo no que tange às minorias, sobremaneira as “sexopolíticas” (Preciado, 2011). Em contrapartida, imagina as possibilidades de uma escola que abarca existências marginais, permite o fluxo de devires, e produz um território seguro para diferentes modos de existência. Tal escola –nomeada como uma “escola incomum”– não é almejada pela investigação como um território ideal a ser conquistado, apartado dos diferentes espaços escolares por onde o professor-pesquisador já circula, mas como uma escola menor, vinculada à ideia de uma educação menor (Gallo, 2002), produzida por restos, cacos, vestígios de uma vida docente atenta às “desimportâncias”, como nos ensina o poeta Manoel de Barros:

⁵ Trata-se de ação de extensão paralela à pesquisa intitulada “Povoamentos entre arte, educação e filosofia: processos de criação e docência”. Endereço onde é possível encontrar alguns fragmentos das produções do grupo: <https://www.instagram.com/estudospovoar/>

Dou respeito às coisas desimportantes / e aos seres desimportantes. / Prezo insetos mais que aviões. / Prezo a velocidade / das tartarugas mais que a dos mísseis. / Tenho em mim esse atraso de nascença. / Eu fui aparelhado / para gostar de passarinhos. / Tenho abundância de ser feliz por isso. / Meu quintal é maior do que o mundo (2006, pp. 73-74).

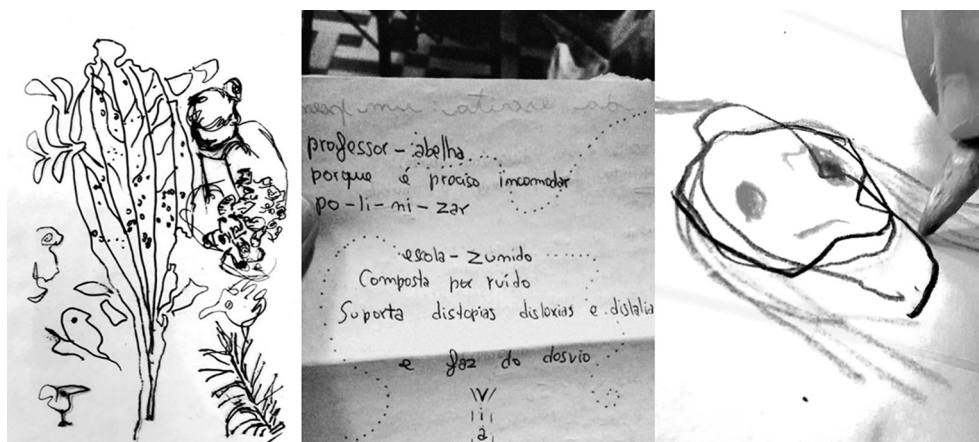
Para tanto, fragmentos dos trânsitos docentes entre diferentes espaços servem como matéria para a confabulação de uma escola incomum – proposta que a seguir será aprofundada. Esses fragmentos estamos chamando de “restos”, pois dizem de tudo aquilo que sobra e, muitas vezes, são tidos como desimportantes e descartados. Também pensamos “restos” como todas aquelas existências relegadas às margens, uma vez que fazem seus caminhos por “fora” de um modelo maior dominante e hegemônico. Daí chamarmos de “restografia” um método cunhado pela própria investigação, que busca compor com uma multiplicidade de coisas, seres, forças e vibrações que se apresentam, sendo elas potências em si mesmas, ou seja, a elas nada falta, não são peças de um jogo a ser finalizado. Multiplicidades que “(...) são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (Deleuze e Guatarri, 1995, p. 8). Nos processos molares de estratificação, sempre há algo que excede, sobra, escapa a uma ordem superior, maior, unitária. Um método restográfico atenta-se a esses extratos, extrai deles (des)importâncias e escreve com eles grafias tanto ficcionais como reais – dimensões que não tomamos como opostas.

Esse restografar metodológico na pesquisa científica, com suas múltiplas materialidades, ativar a ideia de uma “escola incomum” que, por sua vez, é a aposta na composição de um lugar e de uma postura ética em que as diferenças não sejam diminuídas, apagadas, homogeneizadas ou inferiorizadas, pelo contrário, sejam a potência de um fazer-comum. É apostar na potência do encontro: multiplicidades em conversa, comunhão, movimentação, e não postas em hierarquia ou comparação (Deleuze e Guatarri, 1995). Essa postura de uma ética docente – poderíamos chamar assim – não se separa da condução da própria pesquisa, que pensa constantemente em sua auto fabricação, afinal, como se faz uma pesquisa e por que alguns modos de se fazer ciência não são considerados legítimos tanto quanto outros?

Para a perspectiva que estamos aqui propondo, os “dados científicos” admitem o que, talvez, não esteja tão “dado” assim. As ciências, das humanas às naturais, guardadas suas especificidades, são tão inventadas quanto as

narrativas ficcionais. Não é à toa que a produção de discursos e enunciados, nas áreas da saúde e educação, em relação a condutas e comportamentos humanos, foram alvo de estudos por praticamente toda a obra foucaultiana, mas sobretudo de 1954 a 1969, quando Foucault se ocupou mais em investigar a constituição de um “sujeito” a partir da produção de certos saberes; e, de 1970 a 1980, as relações com o Poder (das grandes instituições) e com os poderes micropolíticos (em minúsculo e no plural), esses últimos proliferados por toda a sociedade e enredados nos processos de subjetivação. Queremos pensar, em especial, alguns processos de dessubjetivação –as rachaduras nas verdades pretensamente coerentes, estáveis, conscientes. Pensamos, aqui, em devires e resistências.

Figura 1: Imagens que compõem pesquisa em educação em tela, a partir de registros de atividades em sala de aula (respectivamente em 2018, 2019 e 2019).



Fonte: arquivo pessoal (2020).

Os fragmentos restográficos trazidos acima são registros visuais de atividades realizadas em sala de aula. Eles constroem o “confabulatório” mundo imaginado de uma escola incomum como dados de pesquisa, matérias vivas que ganham, certamente, outra forma ao serem inscritos, re-escritos e transcritos por estas (e nestas) linhas. Desenhos, poemas, rascunhos, rabiscos, anotações, cenas, diálogos, devaneios, são todos bem-vindos, pois como escreveu Lapoujade (2017), ao se referir ao “pluralismo existencial” proposto por Souriau:

(...) cada existência é tão perfeita quanto pode ser. Um pôr do sol, uma fachada de um edifício, uma ilusão de ótica, uma dança de elétrons, um triângulo isósceles, uma ideia abstrata. Nesse plano não há nenhuma hierarquia,

nenhuma avaliação possível. A existência não admite grau; cada existência possui seu modo de ser, intrínseco, incomparável (p. 27).

Feito e efeito de um método interessado mais em grafias menores do que em análises generalizantes, uma escola incomum não pretende ser, como ironizou Foucault (2020a), ao tratar dos macro e micropoderes, “um lugar da grande recusa –alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário” (p. 104). Se fazemos o uso do artigo indefinido “um” ao nos referirmos a esse modo de pensar e fazer educação, é no sentido singularizador, jamais no sentido de existir um único e só modo de existir. Isso recairia na ideia de unicidade (também de universalidade e totalidade) sendo que partimos, diferentemente, da multiplicidade como perspectiva. Deleuze e Guattari (2012), diante do exercício ininterrupto de escapar tanto das generalidades identitárias como das personalidades subjetivas, adotam sempre o artigo indefinido um/uma remetendo “(...) o enunciado não mais a um sujeito de enunciação, mas a um agenciamento coletivo como condição [destituindo] todo o sujeito em proveito de um agenciamento (...), que abriga ou libera o acontecimento naquilo que ele tem de não formado, e de não efetuable por pessoas” (p. 55).

Uma escola incomum deseja ser espaço plurimodal, ou, dito de outro modo, território possível e passível de habitar os mais variados e plurais modos de existência. Nesse sentido, pensamos que a escola e, em especial, o que propomos como uma escola incomum, pode ser um espaço de resistência, ou melhor ainda, “(...) resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas com compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício” (Foucault, 2020a, p. 104).

Ou seja, ainda que pensemos em uma escola-resistência, sobretudo no contexto brasileiro mais recente (2016-2021)⁶, de avanço de políticas neoliberais, desmantelamento da educação pública e ataque às liberdades individuais, ainda assim, são muitas as maneiras de se resistir enquanto escola, professor,

⁶ Cronologicamente, temos em 2016 a destituição de Dilma Rousseff, primeira presidenta mulher do Brasil. Logo em seguida, aplicação de cortes em investimentos públicos feitos por seu substituto (Michel Temer). Em 2018, a eleição de um presidente de extrema-direita, com aumento das desigualdades e violação de Direitos Humanos, aprofundados, nos anos seguintes, pela pandemia de Covid-19.

aluno/a/e. Não há um único modo, o que há são modos singulares de afirmar-se, de viver e existir. O que há, é uma pluralidade de formas, e não uma única forma que, ao passo que se consolida, se converte em fórmula a ser seguida, obrigatória e forçosamente.

Em aliança com devir-negro, devir-mulher, devir-gay, devir-trans, devir-bicha, fabulamos uma escola com/junto –por isso um empreendimento confabulatório– onde se possa produzir existência ou ainda, como pensou Lapoujade (2017), dar realidade às existências que não possuem legitimidade perante às demais. Essas, em particular, sequer adquirem status de existência; pois são invisíveis, não porque não existam, mas porque passam por um processo de invisibilização. O autor questiona: “tornar mais reais certas existências, dar a elas uma posição ou um destaque particular, não é um meio de legitimar sua maneira de ser, de lhes conferir o direito de existir sob determinada forma?” (p. 23).

Em especial, chamamos a atenção para as experiências dissidentes do sistema sexopolítico vigente, são as “multidões queer” de que fala Preciado (2011). Existências desviantes de um regime cisnormativo, tais como travestis, mulheres e homens trans, pessoas não-binárias, intersexuais, ou ainda as que se identificam como “queer”, bem como as experiências de fuga à heteronormatividade –gays, lésbicas, bissexuais, assexuais. Relembrando um dos principais conceitos para Deleuze, trata-se, na visão de Preciado, de um “trabalho de desterritorialização da heterossexualidade, do espaço urbano, espaço majoritário e do espaço corporal (...) [que] obriga a resistir aos processos do tornar-se ‘normal’” (p. 14).

Com Foucault (2014), podemos afirmar que se trata de um desejo de construir suas próprias verdades, ao invés de se sujeitar aos discursos im-postos, ou seja, incutidos para “dentro”, em processos de subjetivação mais ou menos violentos, ora sutis, ora mais aparentes. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (2014). Nesse sentido, algumas existências estão relegadas sob o trágico e indefensável discurso de que são falsas, incompletas, infundadas. Não são verdadeiras, uma vez que não estão dentro do que se convencionou como verdade. Não são completas, pois algo lhes falta. Não possuem fundamento, pois não há nada que lhes confira base, origem, proveniência. São contestadas quanto ao seu “real” sentido de ser: por que existem se não há porquê?

De um lado, estará a realidade (real, verdadeira, natural), do outro, a invenção (inventada, portanto, falsa, artificial). Ora, se pensamentos novamente com Foucault (2020b), mais especificamente em *História da Sexualidade III: o cuidado de si*, a questão relativa aos nossos desejos não seria de onde eles partem (origem), nem de quem são (sujeito), nem o porquê (objetivo), mas como os colocamos em prática, como eles se agenciam com as forças que se envolvem em determinada relação. A criação de uma ética, em que diferentemente da moral, não está em jogo o certo ou o errado, o falso ou o verdadeiro, o bem ou o mal e a sujeição a um destes “lados” –colocados ao longo da história em rivalidade, oposição, separação radical. Está em jogo, sobretudo, a produção de um jeito de ser e estar presente, uma estética própria de existência, inclusive sem o apagamento de forças como bem, mal, erro, verdade. Contudo, em conjunção, composição, relação, não por imposição ou submissão.

É precisamente por meio das lógicas binárias que mulheres trans não serão vistas como “verdadeiras mulheres” e homens gays, em especial os mais afeminados, não serão considerados “homens de verdade”. As multidões *queer* colocam em jogo esses binarismos que não dizem respeito somente a si mesmas em suas próprias experiências, mas trazem à tona a própria natureza da existência enquanto uma produção de si e do outro. Desejo de invenção, tal como almejava Clarice Lispector (2020), em suas recusas de um mundo dado-como-pronto: “eu não: quero é uma verdade inventada” (p. 20).

Souriau (2020), em “Diferentes modos de existência”, tensiona as tendências binárias nas discussões acerca da existência: bem e mal, cara ou coroa, forte ou fraco, ser ou não ser; “há mais de um ser”, ou “o ser é único”; “há apenas uma maneira de existir” ou, pelo contrário, “há muitas”. Esses e outros exemplos se inserem naquilo que Souriau considera como um dos problemas centrais na filosofia: a existência e a redução das definições a partir do “isso é” (p. 24). Ora, “o que é, é, e ocupa inteiramente sua existência pura” (p. 44). O imperativo-impositivo que nos exige a escolha de um lado, retira a complexidade das existências e a possibilidade de fazer-existir-mais. Mas, o mundo é vasto, tão vasto, que “ao considerar erradamente um só gênero, nosso pensamento relega ao abandono [e] a nossa vida deserta ricas e vastas possibilidades existenciais” (p. 15).

Embora na discussão feita pelo filósofo, o termo “gênero” não esteja posto tal como ele se apresenta nos debates contemporâneos, respaldados por

autores como Foucault, e pelos estudos feministas de Preciado, tensionamos esse conceito, trazendo-o para nossas pesquisas do modo como é pensado na atualidade. As experiências dissidentes do binário homem/mulher e hétero/gay precisam, dentro do espaço escolar, serem acolhidas, respeitadas, protegidas das investidas contrárias à manifestação de suas existências. Nesse sentido, apostamos na figura do professor como aquele que alarga as possibilidades de se existir, pois como infere Souriau “(...) basta ser possível para ser atual, e a possibilidade funda a existência, logo, a possui de maneira eminente” (p. 9).

Um fechamento (ou proposições possíveis)

Los sujetos neoliberales de la economía no constituyen ningún nosotros capaz de acción común. La creciente tendencia al egoísmo y a la atomización de la sociedad hace que se encojan de forma radical los espacios para la acción común, e impide con ello la formación de un poder contrario, que pudiera cuestionar realmente el orden capitalista. El socio deja paso al solo. Lo que caracteriza la actual constitución social no es la multitud, sino más bien la soledad (non multitud, sed solitudo). Esa constitución está inmersa en una decadencia general de lo común y lo comunitario. Desaparece la solidaridad. La privatización se impone hasta en el alma. La erosión de lo comunitario hace cada vez menos probable una acción común (Han, 2021, p. 2).

Diante dos apelos ao individual –em detrimento ao coletivo, ao comunitário, ao solidário e ao comum–, como nos alerta Han acima, em uma sociedade marcada por uma economia capitalista neoliberal, que prioriza a produção e o consumo e vira as costas para alternativas não destrutivas dos recursos no planeta (Dardot e Laval, 2016), precisamos inventar uma nova economia do cuidado, particularmente nos campos onde atuamos, da educação e da saúde.

Uma economia diferente daquela dicionarizada e propalada por diversos meios como a “ciência, doutrina ou teoria que estuda os processos de produção, troca e consumo de bens e serviços capazes de satisfazerem as necessidades e os desejos humanos” (Michaelis, 2021); mas aquela concebida em uma conceituação mais ampla e aproximada do seu original grego - oikonoμία: oiko=casa e nepein=medida, controle –como a arte de bem administrar uma casa ou como a capacidade de utilização máxima dos meios que dispomos. Nesse sentido, nossa aposta e proposta para uma economia do cuidado (de si e dos outros) visa o fortalecimento das práticas coletivas e o reconhecimento

e a afirmação dos diferentes modos de existência, não para que os sujeitos e suas práticas sejam dissecados, normalizados e, posteriormente, controlados, mas para que a aposta seja na multiplicidade como potência de variação, invenção de outras práticas, de outras escritas científicas, de outras produções de saberes, em geral marginalizados e/ou invisibilizados, sobretudo no ambiente acadêmico.

Desejamos, assim, que os processos de subjetivação e dessubjetivação sejam de tal forma intensivos e incontroláveis que sua condição de sujeição permita resistir e contraproduzir, permita que em meio aos estratos fixos e enrijecidos que impõe formas de ser e fazer prévias, sejam acolhidos também –novamente, não como “falta”, mas como potência– os vacilos, os tremores, as errâncias, os desvios e todos os movimentos que correm por fora do centro, pulsam algum tipo de vida que resiste contra ordens mandatárias e de dominação, enquanto “(...) linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem à máquina binária, devir-mulher que não é nem homem nem mulher, devir-animal que não é nem bicho nem homem” (Parnet e Deleuze, 1998, p. 22).

Para salvar o mundo dos discursos messiânicos e salvacionistas que nos acompanham, tanto na saúde quanto na educação, será preciso fazermos uso de práticas de cuidado e afirmarmos modos de existência que subvertam a lógica dos “saberes de si”, que utilizam práticas de cuidado, análises e exames de si mesmo –intimamente ligados à medicina (e, mais recentemente, a todos os campos de saberes e práticas da saúde), de forma institucional ou não, e também a uma certa pedagogia, ou ensino, ou ainda, educação–, ampliando e diversificando os cuidados do corpo e da “alma” (saúde), como as práticas de pensar, aprender e ensinar (educação), para podermos encontrar forças potentes e forças inoperantes na produção de coletivos desindividualizados e comuns despersonalizados.

Referencias

- Barros, M. de (2006). O apanhador de desperdícios. M. Da Costa (Ed.), *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21* (pp. 73-74). São Paulo: Publifolha.
- Costa, A. M. (2004). Integralidade na atenção e no cuidado a saúde. *Saúde e Sociedade*, 13 (3), pp. 5-15. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300002>
- Dardot, P. e Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a capacidade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia - vol. 1*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (2012). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia - vol. 4*. São Paulo: Editora 34.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (Coletivo Sycorax, Trad.) São Paulo: Elefante.
- Foucault, M. (2000). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2005). *Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica: Curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2010). *Ditos e escritos VI: repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2020a). *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2020b). *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Gallo, S. (2002). Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, 27 (2), pp. 169-178. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>
- Han, B. C. (2021). El homo digitalis es cualquier cosa menos nadie. *Bloghemia. Revista digital de Arte y Ciencia*. <https://www.bloghemia.com/2021/03/byung-chul-han-el-homo-digitalis-es.html?m=1>
- Kruse, M. H. L. (2006). Enfermagem moderna: a ordem do cuidado. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59 (spe), pp. 403-410. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000700004>
- Lapoujade, D. (2017). *As existências mínimas*. São Paulo: N-1 Edições.
- Larrosa, J. (2004). A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, 29 (1). pp. 27-43. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417>
- Lispector, C. (1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Mbembe, A. (2017). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, 2 (32), pp. 123-151. <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>
- Medina, M. (2020). Atenção primária à saúde em tempos de COVID-19: o que fazer? *Cadernos de Saúde Pública*, 36 (8). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00149720>
- Michaelis, H. (2021). Economia. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=GVKd>
- Parnet, C. e Deleuze, G. (1998). *Diálogos* (E. Ribeiro, Trad.). São Paulo: Escuta.
- Preciado, P. B. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, 19 (1), pp. 11-20. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>
- Rago, M. (2015). Dizer sim à existência. M. Rago e A. Veiga-Neto (Orgs.), *Para uma vida não fascista* (pp. 253-267). Belo Horizonte: Autêntica.
- Silveira, R. P. (2018). *Verdades em (des)construção: uma análise documental das práticas integrativas e complementares em saúde*. [Dissertação de mestrado, Porto Alegre]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020180906>

- Soriatu, E. (2020). *Diferentes Modos de Existência*. São Paulo: N-1 Edições.
- Zorzanelli, R. T.; Ortega, F. e Bezerra, B. (2014). Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19 (6), pp. 1859-1868. <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/um-panorama-sobre-as-variaco-es-em-torno-do-conceito-de-medicalizacao-entre->